



uma referência na discussão sobre o processo de construção de uma economia de mercado e, associada a ela, de uma sociedade de mercado. Trata-se de um dos marcos de fundação da Sociologia Econômica e da tradição institucionalista na Sociologia.

A análise de Polanyi demarca a distinção entre economia – algo historicamente presente em todas as sociedades – e o mercado auto-regulável – uma estrutura social caracterizada pela radicalização do individualismo, pela conversão das relações sociais em relações mercantis e pela sua tendência de desenraizamento em relação ao Estado e às demais instituições (Monteiro e Lima, 2021). Polanyi também estabelece um profícuo debate com a Antropologia clássica ao descrever os mecanismos (confiança, reciprocidade, etc.) de troca que ajudavam a dar sentido à economia nas sociedades tradicionais, reforçando que os princípios utilitaristas (e egoístas) demarcados pela economia neoclássica não eram (e não são, de fato) inerentes ao comportamento humano e sim o resultado do momento histórico da sociedade europeia no final do século XIX.

Assim, o presente dossiê começa reforçando que a discussão sociológica dos mercados é vasta, refletindo a diversidade de trocas e os arranjos econômicos possíveis. Nem todos os mercados, como se sabe, são aceitos social e politicamente sem algum tipo de resistência e oposição. É o caso do mercado de armas de fogo, tomado como objeto no artigo de Mateus Tobias Vieira. Problematizando a regulação e, por conseguinte, a construção do mercado de armas brasileiro contemporâneo, o autor, originário dos estudos na cadeira do Direito, se apoia no consolidado debate de mercados contestados de Philippe Steiner (2004) e das regras de troca de Neil Fligstein (2001).

Dentre os principais méritos e contribuições para a Sociologia Econômica está a apresentação de uma discussão capaz de expandir o conhecimento dos mercados contestados ao focar os dispositivos jurídicos que os compõem, e não, como de costume, o contexto social desses dispositivos, um esforço bem-vindo para aquelas/es interessadas em avançar a compreensão dos mecanismos e da linguagem do Estado para a formatação empírica dos mercados. Assim, Vieira mostra como essas regras e dispositivos estão em constante tensão, experimentando idas e voltas no curso do tempo e sendo moldadas socialmente em

disputas morais e políticas acerca dos limites aceitáveis para tais mercados, com destaque para o debate conceitual de populações vulneráveis, sejam aquelas protegidas *pele* ou *do* mercado em questão.

Em *Um estudo de caso sobre a natureza e as condicionantes do financiamento de startups no Distrito Federal*, Giuliana da Cunha Faccioli critica a ideia de que as *startups* podem ser entendidas somente por meio de abordagens fundamentadas no léxico da inovação tecnológica e da captação de capital de risco. Em um estudo de orientação teórica marxista e abordagem metodológica qualitativa, realizado a partir de entrevistas com representantes de empresas na capital do país, a autora não hesita em mudar o foco da análise, retornando aos elementos fundamentais da teoria marxiana ao levar em consideração a exploração do trabalho.

Se a Sociologia Econômica se destaca por sua análise acerca da construção social dos mercados, a discussão sobre as firmas, em particular sobre os meios pelos quais estas se financiam, se mostra central para a posterior compreensão dos mercados e nichos de mercados nos quais essas atuam. Fazendo bom uso dos clássicos, Faccioli recupera a discussão do motor da inovação e do crescimento econômico no sistema capitalista, revisitando não só Marx mas também Rosa Luxemburgo para pensar o papel das grandes e, sobretudo, das pequenas empresas, e do capital de risco.

Em suma, o artigo demonstra satisfatoriamente como *startups* foram e continuam a ser produtos da contínua e não linear formação do capital, essencialmente política e social em sua natureza, apesar da ênfase desmedida no caráter tecnológico e inovador usualmente conferido nos debates acerca destas organizações. Além disso, a autora demonstra como, no caso brasileiro, o apelo recente das *startups* não é mero *zeitgeist* capitalista (aqui o marco referencial sendo a crise de 2008), mas também um fenômeno contextual de reação à crise de 2014 até os dias atuais, na qual a participação do Estado brasileiro como financiador e incentivador de iniciativas deste tipo é um dado no mínimo curioso.

Em outro artigo, partindo de uma sugestão de Mabel Berezin (2005), Vasques e Jardim apresentam elementos metodológicos para a mensuração empírica das emoções e sua relação com a vida econômica.

Os autores se baseiam em duas abordagens distintas: a primeira, a partir da noção de *prática* de Pierre Bourdieu e, a segunda, a partir da noção de *trabalho relacional*, de Viviana Zelizer. O artigo inicia-se com uma revisão de literatura sobre o tema da Sociologia das Emoções e, posteriormente, desenvolve-se em três seções: a Sociologia Econômica e os mercados como construções sociais, a emoção na prática e a emoção no trabalho relacional.

Na primeira seção os autores apresentam uma narrativa sobre a ideia de mercados como construções sociais, diferenciando-se em três gerações: a clássica, composta por Karl Marx, Max Weber, Emile Durkheim e Georg Simmel, que tem como elemento comum a ideia da objetivação dos mercados; a geração pós-clássica, constituída por Joseph Schumpeter, Karl Polanyi e Talcott Parsons, que elabora de maneira distinta a perspectiva sociológica sobre os mercados; e, por fim, a geração atual, na qual os autores frisam as contribuições de Mark Granovetter, Viviana Zelizer e Pierre Bourdieu, destacando a estruturação do conceito de enraizamento, *trabalho relacional* e *habitus*.

A segunda seção constitui-se de uma revisão bibliográfica sobre o conceito de *habitus* em Pierre Bourdieu (localizando a prática como um duplo processo de exteriorização e interiorização) e uma interpretação sobre a contribuição praxiológica de Bourdieu aos estudos da Sociologia Econômica. Na terceira e última seção, os autores dão ênfase à noção de trabalho relacional de Viviana Zelizer, destacando seu caráter intencional e apresentando uma crítica à limitação teórica que essa noção assume desde uma perspectiva sociológica. Por fim, os autores apresentam algumas considerações finais reforçando a necessidade da presença dos estudos das emoções no campo da Sociologia Econômica. O artigo é uma contribuição para o campo na medida em que é efetivo ao estruturar uma narrativa sobre a importância da Sociologia das Emoções para as perspectivas teóricas e práticas da Sociologia Econômica.

Já numa contribuição que tem como finalidade analisar os modelos de agência nos mercados de bens simbólicos, de luxo e de singularidade, Igor Perrut argumenta que a análise desses modelos é fundamental para o entendimento entre o geral e o particular da vida social. Na introdução, o autor apresenta a necessidade de se refletir

sobre como os atores econômicos aparecem em algumas teorias econômicas. Para fazê-lo, Perrut mobiliza um quadro teórico sociológico para observar as teorias econômicas desde uma ótica do lugar da agência. Além da introdução, o artigo está dividido em quatro seções, além da conclusão.

Na primeira seção, Perrut apresenta um quadro teórico sobre a interpretação da agência em algumas teorias sociológicas, enfatizando as mudanças na dicotomia entre agência e estrutura na teoria social. Na segunda seção, o autor destaca a chave analítica que compreende o mercado de acordo com um conjunto de relações sociais, históricas e culturais, constituída de sentidos e finalidades individuais e coletivas, identificando três distintos problemas sociológicos: a economia de bens simbólicos, singulares e de luxo. Na terceira seção, compara os modelos teóricos de economia de bens simbólicos e singular e, na quarta, retorna ao debate inicial, mobilizando a ideia de agência e estrutura na discussão apresentada anteriormente. Por fim, apresenta algumas considerações finais, frisando a posição estrutural do mercado diante dos atores econômicos.

Espera-se que esse conjunto de artigos publicados no presente dossiê da *Revista Ensaios* contribua de alguma forma para uma maior divulgação da Sociologia Econômica, sobretudo entre os atuais e futuros estudantes de graduação e pós-graduação. Eles poderão conhecer um pouco da trajetória da Sociologia Econômica, sem dúvida um dos mais promissores subcampos de investigação da Sociologia contemporânea.

Boa leitura,  
os organizadores.

### **Referências Bibliográficas**

- BEREZIN, Mabel. Emotions and The Economy. In SWEDBERG, R. SMELSER, N. *The Handbook of Economic Sociology*. New Jersey: Princeton University Press. 2005.
- DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo. 2016.

FLIGSTEIN, Neil. *The architecture of markets: an economic sociology of twenty-first century capitalist societies*. Princeton: Princeton University Press. 2001.

GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. *RAE Eletrônica*, 6/1. 2007 [1985].

MONTEIRO, Cristiano Fonseca; LIMA, Raphael Jonathas da Costa . Embeddedness and Disembeddedness in Economic Sociology in Three Time Periods. *REVISTA SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA*, v. 11, p. 43-67. 2021.

POLANYI, Karl. *The great transformation*. Boston: Beacon Press. 2001 [1944].

STEINER, Philippe. A doação de órgãos a lei, o mercado e as famílias. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v.16, n. 2, p. 101-128. 2004.